

Filme de algoritmo: uma análise das produções originais da Netflix¹

Maximiano Cordeiro de Sousa²
Universidade 7 de Setembro (UNI7)

RESUMO

Esta pesquisa analisa como a Netflix utiliza a cultura algorítmica para orientar a produção de filmes originais, priorizando conteúdos que ampliam o tempo de permanência dos usuários. A pesquisa, estudo de caso, examina os filmes *Alerta Vermelho*, *The Electric State* e *Rebel Moon*, com base em autores como Ted Striphas (2015), Henry Jenkins (2006) e Bourdieu (1996). Os resultados indicam que a plataforma favorece a previsibilidade e o consumo contínuo, o que pode limitar a inovação estética e reduzir o contato do público com narrativas desafiadoras.

PALAVRAS-CHAVE: netflix; cultura algorítmica; cinema digital; recomendação personalizada; filmes.

CORPO DO TEXTO:

A expansão das plataformas de streaming alterou profundamente as dinâmicas de produção, distribuição e consumo de conteúdos audiovisuais no cenário global. Nesse novo ecossistema midiático, a Netflix consolidou-se como protagonista, atuando simultaneamente como distribuidora e produtora de conteúdo audiovisual. Com mais de 300 milhões de assinaturas pagas em mais de 190 países (NETFLIX, 2025), a plataforma oferece uma ampla variedade de filmes, séries e jogos, pautando-se em um modelo de negócios centrado na personalização da experiência do usuário e na acessibilidade imediata. Essa lógica impulsiona um consumo contínuo, fragmentado e orientado por dados. Entre as estratégias adotadas, destaca-se a cultura algorítmica, conceito de Ted Striphas (2015) que descreve o uso de algoritmos em atividades mediadoras da cultura, como a curadoria e recomendação de conteúdo. Na Netflix, algoritmos analisam o comportamento dos usuários para traçar perfis detalhados e recomendar conteúdos alinhados às preferências individuais, reforçando hábitos e promovendo ciclos de repetição. Esse processo dá origem ao chamado "filme de

¹ Resumo expandido apresentado no Intercom Nordeste 2025, Fortaleza/CE, no período de 24 a 26 de junho de 2025.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade 7 de Setembro (UN7). E-mail: contato.mxmn@gmail.com

algoritmo", produções desenvolvidas com base em padrões de audiência visando maximizar o tempo de engajamento na plataforma. Embora eficiente do ponto de vista comercial, esse modelo levanta questões sobre a diversidade temática, originalidade estética e os impactos culturais desse tipo de produção, uma vez que molda expectativas e repertórios do público. Com isso, o estudo investiga como a cultura algorítmica influencia a lógica de produção da Netflix, especialmente em relação à diversidade e originalidade de suas obras, tomando como objeto de análise os filmes *The Electric State* (2025), *Alerta Vermelho* (2021) e *Rebel Moon* (2023). A metodologia deste trabalho utiliza o estudo de caso de Yin (2005) para analisar como a cultura algorítmica impacta a produção audiovisual da Netflix, com foco nas obras supracitadas.

A cultura algorítmica, segundo Striphas (2015), refere-se ao deslocamento do papel dos curadores humanos por sistemas algorítmicos que selecionam e recomendam conteúdos com base em dados personalizados. O caso da Netflix exemplifica essa prática, utilizando mineração de dados e aprendizado de máquina para examinar comportamentos como tempo de visualização e interações, resultando em recomendações customizadas. Este mecanismo promove um ciclo de retroalimentação que não apenas perpetua preferências existentes, mas também molda os hábitos culturais, favorecendo o familiar e restringindo a diversidade e inovação estética na oferta de conteúdos disponíveis.

A Netflix aplica a cultura algorítmica por meio de estratégias interligadas que visam otimizar a experiência do usuário e prolongar seu tempo na plataforma. Um dos principais recursos é a coleta e análise contínua de dados de visualização, exemplificada pelo ranking global semanal "Top 10 da Netflix", que usa uma métrica padronizada combinando horas assistidas com a duração dos títulos (Netflix, 2023). Essa vitrine não apenas reflete os hábitos do público, mas também os influencia ao destacar conteúdos que tendem a atrair ainda mais visualizações. Outro mecanismo essencial é a criação de perfis personalizados, nos quais o algoritmo refina recomendações com base nas preferências e no histórico de consumo de cada usuário, promovendo uma sensação de personalização.

A lógica algorítmica é ampliada pela cultura participativa (JENKINS, 2006), que valoriza o engajamento ativo dos usuários em redes sociais por meio de memes, fanarts e debates, transformando conteúdos em fenômenos digitais. Nesse contexto, rankings

como o “Top 10 da Netflix” funcionam como termômetros culturais, alimentando uma estratégia omnichannel que estende o consumo para além da plataforma. Essa transformação coloca em xeque a autonomia criativa e a diversidade, já que o sucesso atual depende mais da performance algorítmica e social do que da originalidade autoral. Assim, a Netflix redefine o conceito de sucesso ao unir curadoria automatizada e promoção colaborativa, em um modelo que privilegia a previsibilidade do engajamento em detrimento da inovação.

Diferentemente do cinema tradicional — que valoriza o engajamento sensorial, os silêncios expressivos e a complexidade simbólica —, os produtos da era do streaming priorizam fluidez e clareza imediata, facilitando o consumo multitarefa e contínuo. Essa padronização narrativa reflete uma adaptação ao comportamento contemporâneo, mas também levanta preocupações sobre a perda de densidade estética e a redução do cinema a uma função meramente ocupacional.

Nesse cenário, a Netflix mobiliza o conceito de capital simbólico (BOURDIEU, 1996) ao investir em fórmulas já testadas e em rostos familiares, como Millie Bobby Brown, cuja imagem consolidada dentro da própria plataforma facilita a aceitação de novos títulos. O capital simbólico, conforme Bourdieu (1996), refere-se ao poder que indivíduos ou objetos têm de ser reconhecidos e valorizados socialmente, não pelo que possuem em termos materiais, mas pelo prestígio e a reputação que representam em determinado campo. No contexto da Netflix, isso se traduz na valorização de figuras públicas e de elementos culturais previamente consagrados, cujas associações com a plataforma conferem legitimidade e atraem um público amplo.

O caso de *The Electric State* (2025), dirigido por Anthony Russo e Joseph V. Russo, exemplifica essa estratégia: um filme de alto orçamento, com estética padronizada, trilha nostálgica e personagens digitais que garantem apelo massivo. A presença de celebridades oriundas de franquias internas reforça um ciclo de familiaridade que limita o espaço para a experimentação e perpetua a previsibilidade como ativo de mercado.

A combinação entre algoritmos e capital simbólico cria, portanto, um ecossistema audiovisual onde o risco criativo é minimizado em prol da eficiência de engajamento. Embora essa lógica permita maior personalização do conteúdo e acesso democrático, ela também estreita o horizonte estético da produção audiovisual

contemporânea, transformando a experiência do espectador em um hábito rotineiro, funcional e efêmero.

A análise dos filmes originais da Netflix permite compreender como os princípios da cultura algorítmica se manifestam concretamente nas produções da plataforma. Essas obras não são meros produtos de entretenimento, mas estratégias industriais baseadas em dados, tendências globais e mecanismos de retenção de audiência. Um exemplo claro disso é *The Electric State* (2025), dirigido pelos Irmãos Russo. Com um orçamento estimado em US\$ 320 milhões, o filme aposta em uma fórmula já saturada no cinema atual: visual grandioso, trilha sonora nostálgica (com destaque para "Don't Stop Believin'", da banda Journey), humor leve e personagens carismáticos — inclusive figuras digitais pensadas para o apelo comercial.

Alerta Vermelho (2021), por sua vez, representa outro caso exemplar da lógica algorítmica. Reunindo estrelas de apelo internacional como Dwayne Johnson, Gal Gadot e Ryan Reynolds, o longa foi projetado para alcançar uma audiência global e obteve mais de 230 milhões de visualizações (Netflix, 2025). Combinando ação, comédia e aventura, o filme investe em uma narrativa funcional e estética globalizada, com locações internacionais e efeitos visuais marcantes. A previsibilidade do roteiro, os arquétipos facilmente reconhecíveis e o ritmo acelerado tornam o filme ideal para o consumo casual, característico do streaming.

Já Rebel Moon (2023), dirigido por Zack Snyder, apresenta uma variação desse modelo. Embora traga uma assinatura autoral forte — elemento raro nas produções algorítmicas —, o filme é estruturado para capturar múltiplos nichos de audiência, funcionando como um híbrido entre blockbuster³ genérico e produto personalizado. A aposta em Snyder, cineasta com uma base de fãs engajada, evidencia a apropriação da lógica das "fandoms" (Jenkins, 2006), em que o envolvimento do público ultrapassa a tela e se manifesta nas redes sociais e em práticas de cultura participativa. Ainda assim, *Rebel Moon* mantém a lógica de segmentação algorítmica da Netflix, ao modular sua estética épica e seus temas universais para dialogar com públicos distintos e alimentar o ecossistema da plataforma.

A análise investigou como a Netflix, enquanto plataforma de streaming dominante, molda suas produções originais segundo a cultura algorítmica. Ao estudar

³ Produção de entretenimento, geralmente um filme, que alcança grande sucesso popular e financeiro.

três exemplos — The Electric State, Alerta Vermelho e Rebel Moon —, observou-se como as escolhas narrativas, estéticas e mercadológicas seguem os princípios do funcionamento algorítmico, focando em personalização, previsibilidade e retenção de público. Essas produções compartilham uma lógica comum: a antecipação do comportamento do público, priorizando não apenas a criação de narrativas, mas também a manipulação de emoções e reações para maximizar visualizações e engajamento.

A Netflix, portanto, atua como uma curadora algorítmica, respondendo aos dados do público e moldando seus conteúdos de acordo com o que é eficiente para o consumo. Esse modelo, que combina talentos reconhecidos e fórmulas já testadas, favorece produções com apelo comercial, como filmes familiares ou épicos de ficção científica. As recomendações personalizadas guiadas pelos algoritmos criam uma "estética da familiaridade", onde a inovação e a diversidade narrativa são muitas vezes sacrificadas em favor da previsibilidade e da eficácia mercadológica.

Embora haja exceções, como projetos de prestígio, essas produções também se alinham ao modelo de engajamento e retenção da plataforma. A lógica da Netflix prioriza a performance do conteúdo, medindo o sucesso pela quantidade de tempo de visualização, replays e compartilhamentos, o que leva à formação de um ecossistema onde a inovação é minimizada em prol de uma experiência contínua e previsível. Essa transformação do cinema, impulsionada pela cultura algorítmica, também provoca uma homogeneização das narrativas, com o risco de restringir a diversidade criativa e cultural.

Em relação a essa homogeneização, pode-se traçar um paralelo com as ideias de Jenkins (2006) sobre a cultura de convergência, que descreve como diferentes formas de mídia e entretenimento estão cada vez mais interconectadas em uma paisagem digital. Jenkins alerta que, ao buscar maximizar a audiência, as plataformas digitais como a Netflix podem forçar uma uniformização das narrativas, simplificando-as para agradar ao maior número de consumidores possível. Isso pode resultar em uma erosão da diversidade cinematográfica, com narrativas inovadoras e desafiadoras sendo marginalizadas, enquanto predominam formatos mais seguros e comercialmente viáveis. Portanto, a reflexão crítica sobre o papel das plataformas digitais na formação dos gostos e comportamentos culturais se torna essencial, pois a homogeneização das

ofertas culturais pode estreitar os horizontes da experiência cinematográfica, tornando o cinema mais uma repetição do que uma invenção.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, D. **Poética do Cinema**. Tradução de Eliane Venturini. São Paulo: Unesp, 2008.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação**. Campinas: Papirus, 1996.

HINDUSTAN TIMES. **World's most successful director has made \$10 billion at box office, it's not Christopher Nolan, James Cameron, Russos**. 05 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://www.hindustantimes.com/entertainment/hollywood/worlds-most-successful-director-steven-spielberg-10-billion-box-office-christopher-nolan-james-cameron-russo-brothers-101738736808509.html>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

JENKINS, H. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2006.

NETFLIX. **As 10 principais coisas que você precisa saber sobre o nosso Top 10 semanal**. Disponível em: <https://about.netflix.com/en/news/top-10-things-about-Netflix-top-10>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

NETFLIX. **Most Popular Movies - All Time**. Disponível em: <https://www.netflix.com/tudum/top10/most-popular>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

NETFLIX. **Perfil da companhia**. Disponível em: <https://ir.netflix.net/ir-overview/profile/default.aspx>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

STRIPHAS, T. Cultura Algorítmica. **Revista Europeia de Estudos Culturais**. 2015, vol. 18 (4-5) 195-412

THE GUARDIAN. **Martin Scorsese defends decision to make deal with Netflix for The Irishman**. 13 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2019/oct/13/the-irishman-martin-scorsese-defends-decision-to-go-with-netflix>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

VANITY FAIR. **Zack Snyder Goes Galactic: Exclusive First Look at Rebel Moon**. 06 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2023/06/zack-snyder-exclusive-first-look-rebel-moon>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

VULTURE. **Netflix's The Electric State Is a \$320 Million Piece of Junk**. 14 de março de 2025. Disponível em: <https://www.vulture.com/article/review-netflixs-electric-state-an-expensive-piece-of-junk.html>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.